

A preservação da obra única

A modernidade de Brasília é ameaçada pelo crescimento desordenado e pela crescente pressão sobre o espaço e os equipamentos do Plano Piloto

Walter Sotomayor
de Brasília

A emoção de ver a própria obra, em uma fotografia tirada do satélite, levou o urbanista Lúcio Costa às lágrimas. Ver a própria obra, a capital dos brasileiros, com os eixos bem delimitados e o sol refletido num lago prateado, foi algo inesperado para esse sonhador que planejou Brasília. A fotografia da cidade foi um presente do arquiteto Érico Weidle, da Universidade de Brasília (UnB), que foi ao Rio de Janeiro para uma longa e bem-humorada conversa com o mestre.

“Ele entendia a sua obra como um objeto e não como um processo”, disse Weidle. Ele observou que Lúcio Costa acreditava na necessidade de crescimento planejado. Por isso, a proposta mais recente de construção dos setores Sudoeste e Noroeste foram idéias incorporadas ao plano original. “Não se podia deixar crescer desordenadamente, porque isso perturbaria a imagem como capital”, disse Weidle.

Rodoviária

Essa dupla característica, de cidade e capital, estão definidas pelo cruzamento dos eixos monumental e rodoviário. Essa área administrativa e residencial, incluindo as margens do lago é uma área tombada pelo governo brasileiro e ao mesmo tempo foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco.

A preservação da maior área urbana planejada do mundo depende da existência de um colchão de amortecimento (grandes áreas verdes no caso de Brasília) com a função tanto de



Walter Sotomayor

A monumentalidade dos prédios da capital é uma das características da capital da modernidade

manter o desenho original quanto evitar a pressão sobre os equipamentos do Plano Piloto, segundo Briane Bicca, da Unesco.

Muitas dessas áreas, como as invasões da Estrutural, da Academia de Tênis ou a que se encontra em frente ao clube da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) são ameaças à essa idéia.

“O formato foi preservado ao longo de 41 anos, porque seus construtores tiveram uma idéia genial: desenhar a cidade no asfalto”, observa Briane, que é uma voz autorizada em questões de patrimônio, nascida no Rio Grande do Sul e moradora de Brasília há mais de três décadas.

Para quem vinha de fora, no fim dos anos 60, as ruas asfaltadas no meio do Cerrado do Lago Norte, com iluminação pública, eram no mínimo um espetáculo insólito. A moldura dessa cidade tinha sido traçada por iniciativa de Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

“A cidade foi concebida nos anos 50 com princípios urbanís-

ticos do fim do século passado”, explica Briane. Ela destaca o conceito das “cidades higienistas” como reação aos conglomerados urbanos caracterizados pela inexistência de ventilação, áreas de circulação ou insolação, considerados hoje um risco em termos de saúde pública.

Corbusier

Em 1933, durante o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, o arquiteto franco-suíço Le Corbusier divulgou uma carta de princípios, que anos mais tarde serviriam de fundamento para Lúcio Costa. Aliás, não só para ele, mas todos os projetos que participaram no concurso da nova capital tiveram essa característica. Le Corbusier, que via a cidade como uma máquina ou uma cadeia de montagem, achava que devia setorizar tudo. Na sua concepção, a cidade é um espaço para habitar, circular, se divertir e trabalhar.

“Brasília é uma cidade histórica porque nunca se fará outra igual”, diz Briane destacando a

aplicação desses princípios na nova capital. Essa característica urbanística e a beleza dos principais edifícios se tornaram também seu maior atrativo turístico. Atraiu em quatro décadas um fluxo importante, tanto nacional quanto estrangeiro, de estudantes e profissionais de arquitetura, antropólogos, historiadores e políticos.

“Brasília é a meca do modernismo”, observa Briane, ela mesma cicerone qualificada de inúmeros visitantes ilustres da cidade.

Brasília é singular porque é a única cidade contemporânea inscrita como Patrimônio Cultural da Humanidade e foi também sui generis o processo para obter esse título. O Comitê do Patrimônio Mundial, integrado por 21 representantes de países membros da Unesco, só analisa propostas de exemplaridade quando o país já protege o bem que se quer preservar. Brasília foi inscrita como Patrimônio e só três anos depois foi tombada.

(sotomayor@gazetamercantil.com.br)